

Preço da assignatura

Anno	1\$800 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

“Os dissidentes,”

(CONFRONTOS)

I

O grupo do snr. Alpoim começa a desviar-se ousadamente do caminho direito, claro e definido, que a principio se traçou.

O seu programma politico, que, em summa, trazia e resumia em si os motivos da «*dissidência*», vê-se ahi posto já em farrapos.

O grupo do snr. Alpoim quer à viva fôrça ser progressista, e, em declarações formaes, em solemnes proclamações, em publicos juramentos, tem affirmado que entre elle e o actual gabinete ha simplesmente uma divergencia incidental, embora de capital importancia, e que essa divergencia está apenas na fórma por que o snr. José de Alpoim e o snr. Luciano de Castro querem que o contracto dos tabacos seja feito.

Creio que ninguem deste país acreditou que a causa pela qual o snr. Alpoim se pôs em opposição com a opinião do ministério, de que s. ex.^a fazia parte, fôsse propriamente a convicção de que o contracto dos tabacos, negociado pelos progressistas, fôsse mau, e, sobretudo, a decidida boa vontade de beneficiar o país, inutilizando uma convenção ruinosa e tendo em mente preparar ensejo de alcançar outra mais vantajosa.

Isto, sinceramente o escrevo e proclamo, ninguem o acreditou.

O que foi dado como causa determinante da divergencia irreductivel do snr. Alpoim, era simplesmente um pretexto, sem dúvida sympathico, mas pretexto, e nada mais.

O que houve foi habilidade na escolha do ensejo, para o pretexto ser vantajosamente aproveitado e de boa mente acceto pela nação, cujo sentir unanime, inquestionavelmente, é contrario ao contracto dos tabacos, que os progressistas querem ultimar e fechar de vez com a poderosa Companhia que actualmente já está de posse do monopolio da rendosa industria tabaqueira.

Não julguem os leitores que estamos aqui a defender o governo e os tabaqueiros, que tal não fazemos, pois que não

somos progressista e entendemos que o actual ministério, pela infinidade de erros e de desatinos audaciosos e nefastos, que tem praticado, se tornou ha muito indigno do poder.

Vimos apenas manifestar impressões, e mais nada.

E as impressões que os ultimos actos do grupo alpoimista nos deixaram, não sam lisonjeiras.

O snr. Alpoim está a dar provas duma incoherencia, que ninguem esperava.

Diz-se progressista e affirma cem vezes que só combate o actual gabinete na restricta questão do contracto dos tabacos, e vêmo-lo combater a presumida dictadura progressista, a viagem de El-rei a Paris, a lei de 13 de fevereiro, o juizo da instrucção criminal, a manifestação feita ao Rei na estação de Lisboa, na occasião da saída de sua Majestade para o estrangeiro!

Mais: vemos os alpoimistas a fazerem guerra cerrada ao governo, de camaradagem com republicanos, socialistas e anarchistas!

E, apesar de tudo, vemos a irritação que lhes causa o facto de serem excluidos do partido progressista e sentimos a insistente gritaria que fazem a dizer que sam progressistas!

Sam consequentes? Entendemos que não, e desejavamos reconhecer-lhes mais franqueza e mais apurmo.

Fiel aos principios que proclamou, desde que se estabeleceu e os proclamou, vemos só um partido monarchico: o nacionalista.

Ha ahi tres partidos monarchicos, que andam desviados do rotativismo: o franquismo, o alpoimismo e o nacionalismo; coherencia nos seus processos, fidelidade ás suas promessas, respeito pelo seu programma, só no nacionalismo os divisamos.

E' que o franquismo e a dissidência alpoimista nasceram do orgulho insoffrido, da ambição do mando, da soffrega cubiça do poder; e o partido nacionalista filia as suas origens no amor patrio, no civismo e na justiça, e ninguem o pôde accusar de haver sido produzido por causas suspeitas ou por motivos secretos e incompreensiveis. Por isso é que o nacionalismo segue impavido e direito o caminho que se traçou, enquanto o al-

poinismo e o franquismo se debatem ingloriamente na contradicção e na incoherencia.

C. R. DE SÁ.

“A seriedade de caracter provoca o respeito daquelles mesmos com quem não condescende.”

BELLEZA DA RELIGIÃO CHRISTÁ

II

(Conclusão)

O sexto caracter que distingue uma instituição bella é a *universalidade do bem que ella opera*. Neste particular ainda a fraqueza do obreiro se revela muitas vezes na sua obra. Vêde as instituições da terra: que variedade, para não dizer que confusão! Achai duas nações que tenham instituições idénticas: imaginaí uma instituição ou constituição moral, que se adapte aos usos, aos costumes, ás leis, ás exigências sociaes de dois povos diferentes; ousamos desafiar-vos a que lha impunhai com bom éxito e sobretudo com alguns visos de duração. Dará a felicidade a um estado tal instituição, que não só a não dará a outro, senão que será para elle occasião de perturbação e desordem. Ainda mais: no mesmo estado, onde ella fôr proveitosa ao maior número, a cada passo melindrará individualidades e provocará murmuraciones; e, ainda quando essa instituição dêsse a felicidade a todos os individuos—o que jámais acontece—, deixai sobrevirem algumas circumstancias notaveis, deixai que os pregoeiros da mentira seduzam os espiritos e os indisponham contra ella, e eiz que desaba a fábrica humana, e a instituição é declarada, pelo seu próprio auctor, incapaz de continuar a produzir o bem que a principio fazia. Não seria cego aquelle que não visse, por este caracter, a fraqueza do homem a manifestar-se em suas obras?

Mas quanto está longe de acontecer o mesmo com a nossa augusta religião! A terra inteira é o seu dominio: ella ahi se move com toda a pompa da sua divina majestade, e offerece aos que se submettem ao seu império uma felicidade sólida para este mundo e promessas de eternas delicias para o outro.

E' um facto, que nunca será assás admirado, que a religião christá é excellente em todos os países, por mais oppostos que sejam em seus usos e costumes, e em toda a parte é uma fonte infallivel de paz e felicidade, quando os governantes e os povos têm a feliz inspiração de lhe não suscitar embaraços.

E' um facto não menos admiravel que, se ella é excellente em todos os países, é tambem excel-

lente para cada individuo, qualquer que seja a disposição do seu coração! Tempera a alegria, se ella é excessiva; estanca, ou pelo menos santifica as lágrimas; esclarece o rico e allivia o pobre; abate os suberbos e levanta os humildes; ameaça o mau e anima o justo, dando-lhe no mundo o antegosto da felicidade que o espera no ceu.

Digamo-lo bem alto: a instituição que, por toda a parte e sempre, opera semelhantes prodgios, não deve nada ao homem; deve tudo só a Deus—*A Domino factum est istud*.

O sétimo caracter que assignala uma instituição bella é a sua *invariabilidade*. Este caracter completa e realça o precedente por um modo admiravel. Que uma instituição convenha a todo o mundo em geral, a cada homem em particular e a todas as circumstancias em que elle se pôde encontrar, é muito sem dúvida; é até uma perfeição de que o homem jámais será capaz. Mas, quando nos impérios tudo se dissipa; quando elles mesmos desaparecem, deixando apenas na história vestigios de suas leis, de seus costumes, de suas crenças e de seus usos; quando, a estes vários respeitos, o mundo se tem totalmente renovado, como vemos ter acontecido, se o compararmos com o que elle era ha dez séculos; quando, no meio destas completas transformações, uma instituição—uma só—, verdadeira arca de Noé, sobrenada ao naufrágio universal; quando emfim, sem soffrer uma sombra de alteração ou modificação qualquer, ella continúa pacificamente o seu reinado, e convem tam perfeitamente ás gerações novas como convinha ás antigas: quem poderá dizer que ella não tenha o ceu por berço e Deus do ceu por auctor?

O oitavo caracter que distingue uma instituição bella é o *recompensar abundantemente os que se submettem ás condições que ella impõe*. Operar o bem geral dos povos e dos individuos, harmonizando os interesses destes com as exigências da instituição que os rege, é, como acima dissemos, uma caracteristica eloquente de glória e belleza. Mas conceder uma recompensa especial, uma recompensa magnifica a cada acto de fidelidade que produzirem os que observam os preceitos de tal instituição, é uma superabundancia de mérito, que espanta tanto mais, quanto os legisladores do mundo e os fazedores de constituições não nos têm habituados a semelhante luxo de generosidade. Olhai, em verdade, para as leis humanas: ellas punem aquelles que as transgridem; mas porventura recompensam os que as observam? Por nenhum modo. Só a religião é que diz ao que a abraça: «Se fiel à minha lei, e receberás de Deus uma corôa que o tempo não pôde murchar—*Esto fidelis usque ad mortem, et dabo tibi coronam vitae*.» Da um copo de agua fria ao pobre que ta pede, e, posto que não hajais feito mais do que

cumprir a lei da esmola, eu te declaro que, pelo teu copo de agua fria, que nada te custou, receberás do mesmo Deus uma recompensa eterna.» A religião que falla semelhante linguagem é certamente amiga do homem e filha de Deus.

Finalmente o último caracter que corôa a belleza duma instituição é a *perpétuidade da sua duração a despeito dos obstáculos que se lhe suscitam e dos violentos assaltos com que a molestem*. Eiz o cúmulo da glória duma instituição e a indubitavel revelação do seu poder. Quando ella está a prova dos tiros acerados de inimigos que se conspiram para a sua ruína; quando, sempre accommettida e sempre victoriosa, ella se enraiza cada vez mais, em lugar de se enfraquecer, e continua a sua marcha triumphal, apesar dos perpétuos obstáculos que a malignidade lhe suscita; quando assim acontece, tal instituição tem dado as suas provas; tem direito à admiração dos homens, e os annaes da história transmittirão ás edades futuras o esplendor do seu reinado.

Mas—ai!—onde encontrar, entre as obras do homem, uma instituição desta natureza? Essencialmente variaveis, como havemos dito, as instituições humanas succedem-se com uma rapidez deploravel; mas o que accelera a sua ruína é a guerra incessante que furiosos inimigos lhes declaram. Quem não sabe que a mesma resistência dos que pretendem salvar uma instituição do naufrágio é precisamente, algumas vezes, o que precipita a sua queda? Se, por si mesmas e sem obstáculos, as obras do homem cáem promptamente, que duração podem ter, quando a perversidade dos maus as persegue sem cessar? Assim deve ser: o que o homem edifica, deve o homem ter o poder de o destruir.

E eiz o que prova que a religião não é obra do homem: ella vive, porque Deus lhe deu a vida; elle vive apesar do homem, porque o homem não pôde derribar o que o braço de Deus sustenta; ella sai mais radiosa das perseguições, que a obrigam a soffrer, e das ondas de sangue que derramam em tórno della, porque, modelada por Jesus-Christo, seu Fundador, da cruz é que ella tira seu poder e glória.

Quem poderá jámais explicar, a não reconhecer que ella é divina, a perpétuidade duma religião, que, desde a sua origem e durante toda a sua duração, encadeia as paixões, fulmina todos os vicios e se encontra continuamente a braços com as sutilezas da heresia, com os cegos furores dos tyrannos, com o ódio dos impios, com os desprezos dos libertinos e com a raiva do inferno? Resistir a taes assaltos durante dezenove séculos; e, após esses innumeraveis combates, nada perder da sua glória, brilhando, pelo contrario, com novo lustre; não se inquietar por modo nenhum com os assaltos que se preparam ainda; permanecer fixa e invariavel

no vigésimo século como no primeiro, e não se vingar dos ultrajes de que a cumulam senão por um augmento de favores e benefícios: na verdade, uma religião assim terá emanado do cérebro dum fanático?

Glória, honra, eterna bênção ao Deus de amor que nos deu esta religião santa! Ajuntemo-nos em torno della; e sobretudo nós os que proclamamos a sua divindade, não a offendamos com nossas obras depois de a ter glorificado com nossa fé.

Accommodação de

L. F.

“A verdade e a virtude sam como o sol: podem ser anuviadas, mas não apagadas.”

Carta do Porto

O tempo chuvoso que tem feito toda a passada semana, não tem dado lugar a que se reunam os habituaes centros de cavaqueira, onde qualquer simplez mortal pôde adquirir largo cabedal de conhecimentos relativos aos ultimos acontecimentos.

Chovendo, a Praça Nova não é um deserto, mas também não é lugar proprio para troca de impressões; é tal a rapidez com que os transeuntes a passam, que relativamente a impressões só ficam as que os mais fortes ou mais distraídos imprimem com os seus guarda-chuvas em quem passa com menos velocidade.

Os centros propriamente ditos não estão ao alcance de todos, e o caracter peculiar de cada um pôi fóra do seu concurso todos que não pensam pelo mesmo teor. Por cuja razão, tanto os aborrecemos, ou melhor, ligamos-lhes tam pouca consideração, que nem os edificios lhes conhecemos. Limitamo-nos pois à segunda fonte de informação, que, como reservatorio, existe sempre para acudir nos lances mais criticos de quem tem por dever dar informações dos acontecimentos occorrentes—é o jornalismo.

Os jornaes trazem a casa, por pouco preço—em geral também pouco valem—uma seara de informações e novidades que levam desde pela manhã até à noite a quem quiser lê-las todas. É um entretenimento inapreciavel para surdos e velhos: para os primeiros, pela dificuldade que têm em fallar; para os segundos, por não terem quem falle com elles quanto desejam. Agora para uma pessoa válida, não conhecemos melhor meio para perder tempo.

A leitura do jornal diario é um vicio, ou chamemos-lhe antes hábito, se quiserem, semelhante ao do fumador. A differença é só que o primeiro perde tempo e o segundo perde dinheiro; mas, se o tempo é dinheiro—como dizem—, o resultado é igual. Do mais que se pôde perder por motivo dum ou doutro hábito, não vem agora para aqui tratar-se.

Foram pois, a semana passada, os jornaes a nossa unica fonte de informação. E não foi preciso lêr muitos para encontrar muita coisa: a dificuldade esteve em achar coisa de proveito. Mas appareceu.

A *Revista Catholica* de Vizeu foi, como tantas outras vezes, a da nossa preferencia: lá encontramos, a respeito da visita do presidente Loubet aos dois reis da peninsula Hispanica e da attitude da Santa Sé perante esse facto,

que tanto maguou os catholicos de ambos os reinos, o seguinte:

«Sabiamos pelos jornaes hispanhoes que a Santa Sé tinha ordenado ao Nuncio de Madrid que se retirasse, para que não tomasse parte nas festas em homenagem a Loubet, durante a sua estada na capital; mas ignoravamos que igual ordem tinha dado ao representante da Santa Sé em Lisboa.

Agora, porém, encontramos no *Siglo Futuro* uma carta do nosso querido amigo Julio Monzó a um dos seus redactores, em que lhe dizia o seguinte:

«Lisboa, 10 de novembro de 1905.

Snr. D. Cristobal Botella

Madrid

Querido amigo: No numero de 7 deste mês e no artigo intitulado—*Os dois Univeros*—disse o *Siglo Futuro*, a proposito da visita de Loubet: «O que Roma fez foi mandar sair de Madrid o Nuncio Apostolico, e mandar ao de Lisboa que não tomasse parte na recepção e festas que ali se fizessem em honra de Loubet, etc.» A verdade é (embora pese ao *Univero*) que houve mais alguma coisa do que isso.

A ordem foi igual para os dois Nuncios, isto é: aos dois primeiros foi-lhes ordenado que se retirassem. Todavia, como o estado de saúde de Mgr. Machi, Nuncio em Lisboa, é, infelizmente, muito delicado, de modo que não lhe permite viajar, foi-lhe concedido pela Santa Sé que não saísse de Lisboa, visto não assistir às festas, por se achar doente. Todavia, para que isto não fosse interpretado em mau sentido, para que se visse que o que o Papa desejava era que *ninguem*, que lhe fosse afeiçoado, se aproximasse de Loubet, o auditor da Nunciatura (que em casos de impossibilidade costuma substituir o Nuncio) também não appareceu em parte nenhuma; pedindo permissão para ir a Roma naquelles dias.

Esta é a verdade.»

Aos que julgavam a Santa Sé indifferente aos seus interesses, ou melhor, que a visita politica de Loubet nada tinha de agradável ou desagradavel para com o Chefe supremo da Igreja, tinhamos ouvido dar uma explicação qualquer, pondo de parte instruções de Roma acerca da saída do Nuncio de Madrid, por aquella occasião; e um dos argumentos da sua justificação era que o Nuncio de Lisboa, em egualdade de circunstancias, não tinha saído. Pois ficaram a saber agora, se leram a *Revista Catholica* de 25 do corrente, que nem sempre o que se demonstra existe.

Caso lamentavel também é que os nossos Nuncios morram tam precocemente. Os dois ultimos que estiveram em Lisboa já falleceram e este—a quem Deus conserve por largos annos—tem infelizmente a saúde comprometidissima. Pesado tributo é este da morte, que nem só os pequenos pagam.

Razão tem para meditar o poeta que me offereceu estes versos:

—A vida é luz sempre incerta,
que se mostra e logo foje;
a vida é o dia de hoje:
peccador, alerta! alerta!

—E' o relampago accendido,
é o gosto dum instante;
a vida é da morte amante,
não sente da morte o perigo.

—A vida é a luz no mar
que falseia a toda a hora;
entre as brumas espumantes
via-se, já falta agora.

R. L.

“Quem muito quer agradar,
muito aborrece.”

A Mouta

(Não é romance)

...O que nos mata é não haver quem tenha a coragem de dizer a verdade toda, seja a quem for e seja onde for.

P. PAULINO APHONSO.

II

Periodicamente, a necessidade, de modo mais violento, a apertava

em contracção esmagadora, tentando suffocá-la; e a voz de alarme erguia-se de novo a despertar a caridade que, após, adormecia outra vez.

Ha pouco tempo, a infeliz começou a percorrer a aldeia, desvairadamente, andando perdida de barranco em barranco, chegando a pernoitar «ao Deus dará», encolhida no encruzamento de qualquer viella, debruçada na borda de qualquer despenhadeiro.

Não pedia nada a ninguém.

Foi creatura que, se não gozara as delicias da opulencia, nem as abundancias da fortuna, tivéra o apanagio das satisfações constantes dum lar tranquillo onde a sobriedade capitalizava um peculio modesto de conforto de relativa sufficiencia.

Dominada por esta ideia de parca abastança, apesar de reduzida à miseria extrema—sem pão na arca, sem lume no lar, tiritando de frio, cheia de fome—, perguntando-se-lhe se queria isto ou aquillo, desfazia-se em ostentações de casa farta e satisfeita.

Nada possuindo, affirmava nada lhe faltar, offerecendo ainda, com pasmosa prodigalidade, fatias do seu quinhão phantastico.

Mas onde lhe davam algum socorro alimenticio, comia e bebia soffregamente. E parecia que, ao passo que se lhe ia accendendo o calor no estomago, se lhe esclarecia a razão.

A epiderme estalada, como que transformada em escamas, a lingua retalhada, uma fome e sede continua e devoradora: uma autêntica victima da pellagra, incontestavelmente.

Levaram-na um dia ao hospital, por conselho do medico, cujo exame se lhe proporcionou.

E, como agora uma sensação dolorosa me domina, ao chegar a este ponto!

Tiveram lá a infeliz uma noite, por favor ao individuo que a conduzia ali, intimando-o a comparecer no dia seguinte de manhã sob pena de o mandarem procurar pela policia para reconduzir à terra a desgraçada. «Não tinha doença nenhuma». «Era uma doida». «Ali não é Rilhafolles».

Parece incrível! Sim, parece incrível que se não visse, que se não quisesse ver que o delirio da pobre mulher era effeito da doença, que evidentemente se manifestava com inilludiveis symptomas!

Produziu-me esta recusa uma sensação de espanto, uma surpresa indizível. E, commigo, desagradavelmente impressionados ficaram quantos souberam do facto.

Ha tempos, vieram pelos presbyterios do concelho umas circulares impressas, solicitando dos parochos desvelado zelo e cuidados para enviarem ao hospital os pellagrosos que se lhes deparassem pelas suas freguesias.

Havia sido feita uma estatistica dos individuos atacadas pela maldita doença no concelho de Guimarães.

E pelo ex.^{mo} secretario da Administração foi-me asseverado que a pobre velha, a quem me venho referindo, fóra incluída nessa estatistica. E, realmente, lá está o nome della.

Eiz os motivos efficientes da impressão desagradavel, profundamente desagradavel que em muitos espiritos produziu a recusa desapiadada do hospital. E eu supponho que a administração interna do hospital está confiada a pessoas esclarecidas, a almas enternecidas e amováveis. (1) Custou-me a acreditar em tal deshumanidade. Mas as pessoas

(1) É facil de ver que estas censuras se não referem de nenhum modo às religiosas que tratam os doentes que sam admitidos no Hospital. R.

que dam testemunho do caso dissipam a reluctancia do meu espirito.

Embora esta realidade seja para mim bem martyriosa, foi uma realidade.

A martyr voltou. E cá, no seu calvario angustiosissimo, foi curtindo as dores cruéis do seu tremendo supplicio.

O ex.^{mo} snr. Conego Alberto de Vasconcellos, digno Provedor do hospital, não soubéra daquella nefanda injustiça. Ha dias, porém, informaram-no do estado profundamente miseravel da infeliz e elle promettera mandá-la recolher à casa da Misericórdia. Foi sabbado ultimo. Os tres derradeiros dias, pela sua inclemencia hibernal, não permitiram a conducção. A desditosa, quasi sem amparo, padecendo o insupportavel rigor destas noites e dias ultimos, como atrás referi... chegou até hoje. Morreu no carro que a conduzia ao hospital.

A prostração em que havia caído não fazia prever o desenlace tam breve, porque parecia igual às antigas prostrações da fome, um pouco aggravada pelo açoitado da ventania e chuva gelada da noite que lhe invadira a despida enxerga.

Morreu à porta da igreja parochial. E esta ali, deitado no pavimento da igreja o seu cadaver, abandonada na morte, como ao abandono passou o resto da vida.

* * *

Mas... quem foi esta desgraçada, esta torturada victima da miseria, esta infeliz sem um amparo caricioso de filho, sem um aconchego terno de irmão, sem ninguem para, ao menos, lhe fechar os olhos?

Seria uma infeliz que saíra da roda para entrar na sociedade sem nome de pae nem de mãe? seria uma paria, uma exilada?! Que desventura tamanha! e demais a mais desprezada pela *caridade* official e parece que até escarnecida e perseguida pelo rigor da natureza nos paroxismos da morte!

Haverá na sua existencia um mysterio? Ah, não! Ha uma lição tremenda, que é barbara, descaoroavel, pungente, flagrantissima.

Aninham-se, como escalrachos, ainda, no coração humano, apesar do luminoso estadio em que se ufana a apojadura do progresso, triumphantemente, o mesmo egoismo rasteiro, as mesmas paixões degradantes, com um imperio decisivo na sociedade.

Ha victimas de ambições infamissimas, soffrendo, na atonia suprema de mil dores que aniquilam, por fim, a consciencia da propria dor, martyrios sem conta, martyrios enormes, lancinantes.

Ha desgraçados cuja desgraça é a escada magica por onde sobem os sybaritas, os pomposos dominadores sociaes.

Ha lagrimas que sam os degraus invisiveis por onde sobem os exploradores sem consciencia ao fastigio do bem estar.

Oh, ceus! Mas estes abominandos crimes, se, aos olhos cegos do mundo, fazem subir ao esplendor da glória, aos olhos do invisivel fazem descer, cada vez mais, sobre o abysmo.

E' por isso que, no que vou dizer, se dará o retrato desta nossa sociedade corrompida, gafada até à medulla do sentimento, apodrecida até ao amago do coração; será a «miniatura» desta sociedade egoista e sensual que até se confessa de anno a anno e vai à missa aos domingos, mas que descre de doutrina pura do Evangelho.

Será o retrato desta sociedade embotada em lodo, tam macissamente embotada, que não crê em moralidade, em honestidade, em

deveres, em character, em brio, em honra. Será o retrato desta sociedade, sem criterio social, para quem não ha individuo que não seja ladrão, para quem não existe mulher que seja casta, para quem não ha virtude, nem sentimentos.

Numa palavra: será o retrato desta proterva sociedade cheia de sensualidade e egoismo, que não admite a superioridade do espirito sobre a carne, da razão sobre o instincto, as paixões subjugadas pelo dever. Será isto o retrato desta sociedade atascada no lamaçal de mil protervias, a qual, pela escala do seu valor, afere o valor de todo o mundo.

15—XI—905.

GERVASIO LUCAS.

(Continúa).

“Em casa alheia antes faltas do que sobejas.”

CURIOSIDADES

Marte.—O planeta Marte aproximou-se da terra a ponto de estar separado della apenas uns 79.950.000 quilometros. É uma bagatella. Marte occupa, pois, muito o mundo astronomico. O Padre Moreux empreendeu no seu observatorio de Bourges um estudo systematico delle. Já pôde descobrir uns trinta canaes. Para elle essas formações impropriamente chamadas canaes ou lagos, não seriam mais que vastas superficies cobertas de vegetaes que em nada fazem lembrar as finas linhas descriptas por certos observadores. Um desses canaes não media menos de 580 quilometros de largura na noite de 19 de abril. Essas regiões sombrias de bordas diffusas e muito esfumadas apparecem-lhe com cores que variam de cinzento verde ao azul carregado, segundo os logares. Explica-se muito bem neste momento esse desenvolvimento de vida vegetal, pois que o hemispherio voltado para nós achava-se em pleno estio. Os continentes parecem brancos, amarelos ou avermelhados. Sam assás extensas este anno as neves polares, o que faz suppôr que o passado inverno no planeta foi muito rude. E os habitantes, se é que os ha, tiveram de soprar ás mãos, como agora fazemos nós.

Crimes.—Ha curiosas notas a fazer acerca da criminalidade nos Estados-Unidos. De 100 crimes de assassinato 67 sam commettidos por mulheres, 30 por homens e 3 por adolescentes. Mas é de notar que todas as vezes que uma mulher é condemnada á pena capital, sam enviadas petições cobertas de centenas de assignaturas femininas, para impedir a execucao. Quando um homem por um crime semelhante está a ponto de ser indultado, um numero consideravel de petições de mulheres pedem a execucao. E ainda se pretende que as mulheres não se ajudam!

Bacalhaus.—Ha vinte annos o hiate *Hirondelle* do principe de Monaco lançava garrafas ao mar para ensaiar conhecer as correntes submarinas do Atlantico, as ramificações européas do Gulf-Stream. O explorador Carlos Rabot vai ensaiar outro meio não menos engenhoso ou extravagante de conhecer as migrações de bacalhaus. Fez appor por incrustação medalhas a um certo numero de bacalhaus, que logo foram no-

vamente lançados ao mar em diferentes estações escolhidas pela conferencia internacional das pescarias do Norte-Européu. Foi estabelecido um premio aos pescadores que os apanharem. Que baratas não estão as decorações que até já os bacalhaus sam decorados!

Barbas.—Publicou a municipalidade de Pittsburgo (Estados-Unidos) uma postura que prescreve aos possuidores de barbas tufadas o desinfectarem-nas todos os dias com bichoreto de mercúrio. Pareceria que as barbas sam verdadeiros ninhos de microbios e constittem um perigo para a saúde pública. Ora se os nossos barbaças apparecessem em Pittsburgo, não haviam de ficar contentes quando a policia viesse verificar se elles cumpriram ou não a postura alludida.

Coleccionadores.—Sam raros os monarchas ou principes reinantes da Europa que não conheçam os gosos da colleção. Cada qual dá á sua paixão um temperamento especial. Assim o imperador da Allemanha possui grandes albums, onde guarda todas as tiras de jornaes que fallam delle dum modo original ou espirituoso; e a imperatriz collecciona apaixonadamente leques. O seu filho primogenito, o kronprinz, contenta-se com amontar bilhetes postaes illustrados. Eduardo VII collecciona photographias compradas por elle em todos os países que tem atravessado; ajunta-lhes, ha dez annos, os instantaneos tomados pela rainha e desenvolvidos por suas regias mãos. Esta preferencia ás suas photographias albums de autographos e um museu de brinquedos fabricados por seus filhos e netos. O principe de Galles, como se sabe, é um dos maiores coleccionadores de sellos do mundo inteiro. Ajunta a esta paixão um vivo amor aos cartazes illuminados, de que manda executar reduções, que elle proprio colla nas paginas dum album. A colleção mais extravagante é evidentemente a do rei de Siam, que gosta de ajuntar caixas de phosphoros. E diz-se que possui numa das salas do seu palacio de Bang-kok milhares desses recipientes com os seus operculos illuminados.

NOTICIARIO

Camara Municipal.—Na sua sessão de 15 do corrente mês, depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, procedeu-se á arrematação da publicação de editaes, annuncios e escriptos expedidos pela secretaria municipal ou qualquer repartição com relação a assumptos cuja despesa esteja a cargo do cofre municipal, durante o futuro anno de 1906, sob a base de licitação de 25 reis por cada linha da primeira publicação e 15 reis por cada linha das repetições. Foi adjudicada ao sr. dr. Antonio José da Silva Basto Junior, proprietario do jornal que se publica nesta cidade, denominado *Independente*, por 24 1/2 reis por cada linha de primeira publicação e 14 1/2 reis por cada linha das repetições. Não houve arrematantes para as praças annunciadas para esta data, do serviço e custeamento da illuminação pública na povoação das Caldas das Tappas; fornecimento de carboneto para a illuminação pública da povoação das Caldas de Vizella; serviço de condução de cadáveres pobres ao cemiterio público; e varreduras da cidade com

a obrigação da sua condução para fóra da mesma; deliberando a Camara, conforme os annuncios publicados, que voltassem á praça na proxima sessão ordinaria com o augmento de 5 % das primitivas bases de licitação.

—Foi lido o despacho de approvação dado pelo Ministério do Reino, com data de 11 do mês e anno correntes, á deliberação tomada pela Camara em sessão de 18 de outubro preterito findo, para renovação do contracto celebrado entre a Camara e a Sociedade Martins Sarmiento, desta cidade, em 28 de junho de 1882, do qual a Camara ficou inteirada e mandou reduzir a escriptura pública para os fins leaes.

Foram apresentados officios: —Do sr. dr. Delegado do Procurador Regio, nesta comarca, pedindo o fornecimento para a cadeia civil das enxergas que sollicitou por officio com data de 8 de agosto passado; inteirada.

—Do sr. Secretario da Administração do Hospital Real de S. José e annexos, enviando a conta da liquidação da despesa feita com o tratamento de enfermos pobres deste concelho que excedem a quantia fixada na respectiva tabella na importancia de 81\$200 reis; deliberou inserir no proximo orçamento a verba necessaria para o seu pagamento, officiando-se desde já á Misericórdia desta cidade para reembolsar a Camara conforme é expresso na lei, e lembrar-lhe o pagamento de identica quantia que esta municipalidade effectou no corrente anno, do qual lhe deu conhecimento.

E requerimentos: —Da Junta de Parochia da freguesia de S. João de Airão, deste concelho, participando qual o legado deixado por Manuel Xavier Forte para a criação de escolas e pedindo á Camara para que represente ao governo de Sua Magestade sollicitando a criação duma escola de ensino mixto naquella freguesia; deliberou representar no sentido requerido.

—Da Junta de Parochia da freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizella, deste concelho, pedindo para que a Camara represente ao governo de Sua Magestade sollicitando a criação duma escola de ensino elementar do sexo feminino, naquella freguesia; deliberou representar no sentido requerido.

—Do sr. Antonio José de Sousa, negociante, desta cidade, pedindo licença para vedar uma sorte de malto que possui no logar de Falcão, freguesia do Mosteiro do Souto, deste concelho; concedida ficando o caminho confinante em livres condições de transitio.

—Do sr. Manuel Joaquim de Sousa, marchante, desta cidade, e proprietario de talho de carnes verdes sito no logar do Pevidem, freguesia de S. Jorge de Selho, deste concelho, para satisfazer ao disposto no artigo 8.º da Postura de 22 de abril de 1903, participa que pretende mudar o alludido talho para outra casa sita no mesmo logar e freguesia; visto o parecer emitido pelo sr. Sub-delegado de saúde concede licença para a mudança requerida, cumprindo o requerente todas as disposições do Codigo de Posturas.

—Do sr. Francisco da Silva Braga, da freguesia de Caldeas, deste concelho, pedindo licença para reconstruir a parede de vedação dum predio e bem assim fazer um passeio de pedra em frente do mesmo, sito no largo de Carvalho Salgado, da povoação das Caldas das Tappas; concedida, devendo o alinhamento ser dado pela Repartição das obras municipaes.

Depois de lidas as participações das occorrencias havidas na luz publica durante as noites do dia 2

até á data desta sessão, de que a Camara ficou inteirada, deliberou:

—Inserir no proximo orçamento a quantia de 25\$000 reis como divida ao Rev.º José Lopes Leite de Faria, professor do Lyceu Nacional, relativa á gratificação que lhe compete do mês de abril do anno de 1904, e que só agora veio incluída em folha supplementar dimanada da secretaria do Lyceu.

—Annunciar a arrematação pelo tempo dum anno, com principio no proximo dia 1 de janeiro em diante, das taxas sobre logares fixos e amovíveis nos mercados desta cidade, conforme a tabella superiormente approvada.

Sellos para colleções

Pacotes de 50 variedades para 20 reis cada.

Pacotes de 100 variedades, entre os quaes se contam bellos exemplares antigos e modernos das nações americanas e asiaticas, para os preços de 50, 100, 200, 500, 1\$000 e 2\$000 reis cada pacote.

Pacotes de 500 variedades para 5\$000 reis cada, contendo bellos e vallosos sellos.

Vende CANDIDO GOMES, residente nos Arcos de Val de Vez.

Todas as encomendas superiores a 500 reis remetem-se francas de porte.

O pagamento em sellos de 25 reis ou vale.

Sociedade Martins Sarmiento.—Hoje, pelas 6 horas da tarde, fará uma conferencia nesta Sociedade o Rev.º Padre Francisco José Patricio, reitor do Collegio dos Orphãos, do Porto, tomando por thema *O bem social realizado pelo bem domestico*.

Esta conferencia é offerecida aos socios e suas familias. Agradecemos o convite.

Círculo Cathólico.—Nesta florescente agremiação operaria vimaranense realiza uma conferencia, no dia 3 do proximo mês de dezembro, pelas 7 horas da noite, o Rev.º Prior do Mosteiro do Souto, dando assim começo ás conferencias, de character religioso-social, que annualmente se costumam realizar no seu vasto salão.

Pratica.—O Ex.º Conselheiro Manuel de Albuquerque, muito digno e illustrado D. Prior da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, desta cidade, fez ha dias uma pratica nas cadeias civis, versando sobre *moral christã e deveres do homem para com a sociedade*.

Sua ex.ª expôs com a maxima clareza e erudição e com a eloquência que lhe é tam peculiar o assumpto de que tratou, prendendo a attenção dos ouvintes cerca de uma hora.

Pena temos não poder estampar aqui tam substancioso discurso, porque, se bem que foi dirigido aos reclusos, adaptava-se circunspectamente á maioria da sociedade que desconhece os seus mais sagrados deveres.

LITTERATURA

A ORPHÃ

Sinto a necessidade de minha mãe, mas já a não tenho. . . .

Uma vez ouvi cantar uma poesia intitulada *«Tudo volta»*. Era uma pobre creança, que estava sentada á porta da sua choupana, com os olhos fitos para a banda do cemiterio. Alguem, que passava, deleve-se e perguntou-lhe para onde olhava ella tam attentamente. . . . E ella, ingenuamente, respondeu que esperava a volta de sua mãe. «Mas tu não sabes» lhe disse o seu interlocutor «que os mortos não voltam?» A desgraçadinha, com uma voz trémula, animada pela esperança, replicou: «As andorinhas voltam ao seu ninho. . . . por que é que minha mãe não ha de voltar?» E trava-se entre aquellas duas almas uma lucta terrível: mas a mais fraca é a que vive continuamente duma esperança sempre enganada; mais forte é a que diz: «Não, minha filha; tua mãe não voltará mais.»

E' pois certo que minha mãe não volta. . . .

E todavia eu tenho della uma necessidade tam profunda!

Oh mãe! é possível que eu te não torne a ver, senão no dia da minha morte? . . . Uma visão. . . um sonho. . . Por que não fazeis, Senhor, que eu veja minha mãe?

Mas eu compreendo que é insensato o meu desejo e vá a minha esperança. Deus quer o meu sacrificio, e o meu coração está disposto a tudo soffrer para lhe agradar.

Com tudo isto, a dor esmaga-me e arranca-me por vezes um grito. . . tanto mais penetrante, quanto mais largo tempo o tenho contido.

Os homens não prestam attenção aos meus gemidos, mas o Coração de Deus ouve-os.

Elle não se offende das minhas lágrimas, não; elle não me reprehenderá, se alguma vez no fogo do meu amor eu chamar por minha mãe e a desejar ver ao meu lado.

Ainda me lembro de quando eu accordava de noite e me punha á escuta. Perto, do outro lado duma cortina, estava minha mãe. . . «Mãezinha! . . .» Se ella me não respondia, tornava eu a adormecer tranquillamente. . . Agora chamo-a, e ella tambem me não responde, mas é porque dorme o somno da morte.

Assento-me á banca de trabalho e parece-me vê-la deante de mim. Eu experimentava tanta alegria, sentia tanto animo em olhar para ella, em ouvir as suas palavras, em lhe chamar um sorriso aos lábios, em murmurar com ella uma curta prece. . . . Agora estou sôzinha, sôzinha de todo, e a oração que me acode espontaneamente ao pensamento é sempre a oração dos mortos.

Filhas, que ainda possuís vossa mãe! se ella é boa, affectuosa, como era a minha, não a contristeis jámais, recompensai-a com o amor, tende com ella todos os cuidados, todas as mais delicadas attentões. E' uma coisa tam doce ter mãe! . . . Só conhecemos bem o preço duma mãe, quando a temos perdido!

Mãezinha! Estás no ceu? . . . Olha para a tua filha, que chora e que não pôde consolar-se da tua separação. Junto do throno de Deus, não esqueças a que tanta precissão tem das tuas orações.

Entretanto quem me servirá de mãe? Vós, Virgem Maria, a quem minha mãe tanto amava. Bem sabeis como ella vos amava ternamente, como ella era cuidadosa em frequentar os Sacramentos nos dias de vossas festas; bem sabeis com que amor ella accendia todos os sabbados uma lampadazinha deante da vossa imagem. . . Quantas

vezes em sua vida ella vos terá fallado de mim! Quantas vezes, deante da vossa imagem, terá o seu coração maternal palpitado de amor para commigo, e me terá, em ansia dolorosa, recommendado com fervor á vossa protecção! Tambem eu agora me recommendo a vós: Virgem, attendei a oração de minha mãe; eu quero ser vossa filha obediente.

O mundo arma-me ciladas e ao mesmo tempo despreza-me: ó minha Mãe, segurai-me estreitada ao vosso Coração, para que eu não offenda jámais o meu Deus.

Os homens abandonaram-me; a minha vida corre pobre e miseravel. Mãe, dai-me animo de supportar todas as provações, e concedei-me que me entregue em vossos braços.

A solidão causa-me tédio e é-me pesada. Ó Mãe, fazei-me comprehender que o meu Deus deve ser o meu tudo e que, quando se possui Deus, se não deve buscar mais nada.

Se procuro as consolações humanas, não encontro senão egoismo, frieza, insensibilidade e mentira. Minha Mãe, vós que amais e não enganais, ensinaí-me a não buscar consolação senão em vós.

Se aprouver a Deus que a minha vida não seja mais do que um longo gemido, a sua vontade se faça. Se elle quiser que eu soffra sem uma consolação, lembrar-me-hei da sua agonia em Gethsemani e no Gólgotha; olharei, ó minha Mãe, para o vosso Coração ferido por sete espadas, e resignar-me-hei a soffrer, a soffrer sôzinha, a soffrer em silencio, esperando confiadamente o paraíso, onde, com Deus e comvosco, verei tambem minha mãe!

Accommodado por

L. F.

Novas machinas fallantes "PATHÉ,"

Em casa do sr. JOÃO GUALDINO encontram-se á venda os melhores phonographos conhecidos da Casa PATHÉ.

Sam as machinas mais aperfeiçoadas e que imitam com mais semelhança e nitidez as vozes e as notas musicas.

Para este apperlho tem milhares de cylindros que se vendem aos preços de 450 e 750 reis.

As machinas custam 6\$500, 15\$000, 80\$000 reis, etc.

ANNUNCIOS

O grande batineiro

Antonio Raymundo de Sousa Guise, com atelier de alfaiateria á Praça de D. Affonso Henriques, 36 e 38, desta cidade, encarrega-se de fazer batinas com a maxima perfeição bem como toda a qualidade de obra que lhe seja encommendada.

Tudo perfeito e por preços modicos.

IMITAÇÃO DE CRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas
POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e Indulgenciada
pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrin-douradas	1000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importância devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

DICIONARIO APOLOGETICO

DA

FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

FOR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

FOR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42, 1.^o—Porto.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

FOR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dos persspellos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.^o volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da Ordem e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 réis. Pelo correio accresce o porte de 30 réis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM FRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.^a, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDDE CATHOLICA DE AGNERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe "pro Ecclesia et Pontificie e redactor da "Revista Catholica".

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientifica e magistralmente, em toda a sua profundeza e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquela cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconsellou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas, lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo diferente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio de labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circunstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 réis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.^o volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU